

## **A Teologia do Preciosíssimo Sangue de Jesus Cristo: A Caridade do Sangue de Cristo no pensamento do Beato Tomás Maria Fusco**

*The Theology of the Most Precious Blood of Jesus Christ:  
The Charity of the Blood of Christ in the thought of  
the Blessed Tomás Maria Fusco*

MARIA CLARA DA SILVA MACHADO\*  
NELMA DE MATOS EGÍDIO\*\*

**Resumo:** O presente artigo analisa a teologia da Caridade do Sangue de Cristo no pensamento do Beato Tomás Maria Fusco, partindo do conceito bíblico de sangue no Antigo Testamento, passando pelo sangue na Nova e Eterna Aliança, até chegarmos ao caráter específico enquanto Caridade do Sangue, próprio do Beato. A análise é feita a partir do caminho de Caridade (Amor) que Deus escolheu percorrer para a salvação do homem: “Deus amou tanto o mundo, que entregou seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16). Deus Pai, que em seu amor extremo, entrega seu Filho único à morte para a salvação e redenção do homem. O Filho que acolhe a vontade do Pai e se entrega, por amor, até o derramamento de todo o seu Sangue no Sacrifício da Cruz. E o Espírito Santo que eleva, presentifica e atualiza esse sacrifício, como fonte perene de salvação que jorra por toda a eternidade, alcançando desde Adão até o último homem que nascer na face da terra. Nesta mesma linha de análise chegou-se à apreciação e à conclusão de que no Sangue derramado de Jesus Cristo Crucificado está a forma mais radical do amor de Deus pela humanidade, e que há uma estreita ligação entre a Redenção que Ele realiza na plenitude dos tempos e o sinal do sangue que percorre toda a Sagrada Escritura.

---

\* Maria Clara da Silva Machado é doutora em Teologia Bíblica pela PUC-Rio de Janeiro. Professora de Sagrada Escritura na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro. Contato: [claramachado.prof@gmail.com](mailto:claramachado.prof@gmail.com)

\*\* Ir. Nelma de Matos Egídio é bacharel em Teologia pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSB-RJ). Contato: [irnelma@gmail.com](mailto:irnelma@gmail.com)

**Palavras-chave:** Sangue. Sacrifício. Jesus Cristo. Caridade. Beato Tomás Maria Fusco.

**Abstract:** This article analyses the theology of the Charity of the Blood of Christ in the thought of the Blessed Tomás Maria Fusco, departing from the biblical concept of blood in the Old Testament, going through the blood in the New and Eternal Covenant, until we reach the specific disposition as Charity of the Blood, an specificity of the author. The analysis is based on the path of Charity (Love) which God has chosen to follow for the salvation of man: “For God so loved the world that he gave his only Son, that whoever believes in him should not perish but have eternal life” (Jn 3:16). God, the Father, who in his extreme love, gives up his only Son to death for the salvation and redemption of man. The Son, who welcomes the will of the Father and gives himself, out of love, to the shedding of all his Blood in the Sacrifice of the Cross. And the Holy Spirit, who elevates, brings to the present, and actualizes this sacrifice, as a perennial source of salvation that flows through eternity, reaching from Adam to the last man to be born on the face of the Earth. In this same field, we appreciated and concluded that in the effused Blood of Jesus Christ Crucified is the most radical form of the love of God for humanity, and that there is a close connection between the Redemption that he accomplishes in the fullness of time and the sign of the blood that runs through the whole Sacred Scripture.

**Keywords:** Blood. Sacrifice. Jesus Christ. Charity. Blessed Tomás Maria Fusco.

## Introdução

O presente artigo vem apresentar o aspecto agápico do Sangue de Cristo, segundo o pensamento do Beato Tomás Maria Fusco. O dado que caracteriza sua espiritualidade, entorno do qual tudo gira e tudo unifica é a Caridade do Preciosíssimo Sangue de Jesus, tendo em vista, que a própria revelação afirma que “Deus é amor” (1Jo 4,9), e por causa deste amor, Deus entra na história, faz aliança com o homem, e na plenitude dos tempos envia seu Filho único que no seio da Virgem Maria se fez homem, para redimir o homem.

O amor de Deus por nós é a origem do envio do Filho, como nosso Salvador e constitui a chave e o ponto de referência central para entrar na teologia da Caridade do Sangue. “Deus amou tanto o mundo, que entregou seu Filho único” (Jo 3,16). O Deus imortal, que em Cristo, se imola pela humanidade, é o núcleo da revelação e a base onde tudo repousa. Na Caridade do

Sangue, portanto, se tem a plenitude da revelação e do amor misericordioso de Deus, que alcança seu cume no Sacrifício de Cristo na Cruz.

Para proporcionar um estudo mais aprofundado, a nossa pesquisa está dividida em três momentos. No primeiro é apresentada a teologia do sangue na Sagrada Escritura, para demonstrar que o sangue tem um lugar central na economia salvífica, por isso, ele é usado na Aliança, como elemento que une de maneira indissolúvel o povo a Deus. Depois, analisar alguns dados cristológicos e soteriológicos na teologia do Novo Testamento, a fim de constatar a dimensão agápica do Sangue de Jesus, que se tornou a base de toda a teologia e espiritualidade do Beato Tomás Maria Fusco.

## **1 O Sangue no Antigo Testamento**

### **1.1 Qual a função do sangue no Antigo Testamento: vida ou morte?**

No Antigo Testamento, o sangue tem uma importância tão grande, principalmente nos atos litúrgicos, que é mencionado “trezentas e sessenta vezes na Bíblia hebraica... em sete casos se fala do sangue em relação à vida, em cento e três casos do sangue nos ritos sacrificiais...” (PENNA, 1980, p. 383, tradução nossa). O valor religioso do sangue está vinculado ao conhecimento científico da fisiologia que os sábios antigos, especialmente os semitas, desenvolveram. Eles observaram a função notável que o sangue desempenhava no funcionamento de um organismo, chegando à afirmação do princípio básico: “que a vida está no sangue ou que a vida é o sangue” (BETTENCOURT, 1990, p. 185). Nas culturas dos povos do Antigo Oriente, o sangue era considerado um elemento indispensável à vida, devido ao papel fundamental que desempenhava no funcionamento do organismo humano ou animal: “o sangue é o veículo ou a sede da vida” (Ibid.). Entre esses povos antigos, havia uma íntima associação do sangue à religiosidade e ao culto sagrado. Tal concepção também influenciou Israel, que reconhecia o caráter sagrado do sangue como dito em Levítico 17,11: “a vida da carne é o sangue”, pois homens e animais são constituídos de carne e sangue.

A própria Lei mosaica afirma, conforme Dt 12,23, que: “o sangue é a vida”, declarando que a vida está no sangue e que a vida é o próprio sangue. Deus quis adaptar suas determinações a esse pensamento, que é próprio do contexto dos hagiógrafos, e Ele “fez do sangue um quase sacramento na vida

religiosa do seu povo, um meio extremamente expressivo de todas as relações entre este e Deus” (DIZIONARIO TEOLOGICO SUL SANGUE DI CRISTO, 2007, p. 90, tradução nossa).

No Antigo Testamento, a ligação entre o sangue e a vida é tão forte que é expressamente proibido nutrir-se com sangue (Gn 9,4). A vida do ser vivo está no sangue e a própria Lei proíbe o uso do sangue como alimento (Lv 17,14). Essa proibição recebe uma motivação precisa e bem clara: o sangue, como a vida, pertence só a Deus, é a sua parte nos sacrifícios (cf. Lv 3,2.3.17), e os homens não podem servir-se do sangue a não ser em funções cultuais, expressamente estabelecidas por Deus.

No Antigo Testamento, o sangue era de tal forma identificado com a vida que, “após a morte do indivíduo, os judeus julgavam que o sangue conservava a autonomia e a personalidade da pessoa; atribuíam-lhe uma voz própria, que exprimia junto a Deus os sentimentos de justiça do defunto” (BETTENCOURT, 1990, p. 185).

No mundo bíblico, o sangue de um ser humano é particularmente sagrado, porque o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, sua existência é um dom sagrado (cf. Gn 1, 26-27). A vida do ser humano é um bem precioso, porque tem a sua origem e o seu fim em Deus. Só a Ele pertence e somente Ele tem o poder sobre a vida do homem, por isso, o próprio Deus proíbe o homicídio, pois, desde o momento que cada ser humano pertence a Deus no seu próprio existir, pertence a Ele também, sua vida e seu sangue. Se alguém vier a derramar o sangue do homem, o próprio Deus pedirá conta deste sangue derramado, como aparece em Gn 4,10-14, onde o sangue de Abel, violentamente derramado por seu irmão Caim, clama a Deus por justiça e Deus atende, amaldiçoando e expulsando Caim do solo fértil, que abriu a boca para beber de suas mãos o sangue do seu irmão.

No veterotestamentário, o sangue não tem necessidade de um rito sacrificial para tornar-se sagrado porque ele é a sede do ser, ou seja, é a sede da vida (cf. Lv 17,11) e, por sua natureza, pertence a Deus assim como a própria vida. Portanto, deve ser tratado com especial atenção e tem em si uma força expiatória. “O sangue dos sacrifícios é associado geralmente com a purificação e santificação. Mas, o sangue não é expiação por si mesmo, mas portador de vida e dom (cf. Lv 17,11). É ele quem purifica e santifica” (LÓPEZ, 2006, p. 186).

Este princípio solene lança uma luz sobre a condição do homem e a sua relação com Deus após o pecado original. No desígnio de Deus o homem foi

criado à sua imagem e semelhança, constituído em amizade com seu Criador, em harmonia consigo mesmo e com toda a criação. O homem, seduzido pelo Diabo, quis ser como Deus, e, em seu íntimo, duvidou da bondade de seu Criador e, abusando da sua liberdade, desobedeceu ao mandamento de Deus, que proibia ao homem comer da árvore do conhecimento do bem e do mal: “pois no dia em que dela comer, terás de morrer” (Gn 2,17). Com a desobediência, o homem perde de imediato a graça da santidade original e quebra-se a harmonia da amizade com Deus, com o próximo e com a criação. Por afastar-se do seu Criador, Senhor da Vida, o homem também perde o direito à vida, e assim a morte entra na história da humanidade.

Em virtude da gratuita condescendência divina, o homem ainda pode aspirar uma reconciliação com Deus, ao se colocar em condição de réu, reconhecer sua falta e aceitar o peso da justa sentença que pesa sobre ele. Porém, Deus não permite ao homem tirar sua própria vida, ainda que o fizesse em ódio ao pecado, pois como já foi dito nos parágrafos acima, a vida é propriedade de Deus.

Não podendo derramar o próprio sangue para reconciliar-se, com o Senhor, desde remota antiguidade, os israelitas recorriam a animais, imolavam-nos e ofereciam o seu sangue a Deus em substituição do sangue da vida, e da pessoa do próprio ofertante: “alma por alma, sangue por sangue, vida por vida” (BETTENCOURT, 1990, p. 186), e, ainda, o cordeiro é abatido no lugar do homem pecador: “o sacerdote oferece o cordeiro em lugar da vida do devoto: a cabeça do cordeiro, ele a entrega no lugar da cabeça do homem; a nuca do cordeiro, em lugar da nuca do homem; o peito do cordeiro, em lugar do peito do homem” (Ibid.,). Essa oblação exprimia o arrependimento do homem pecador e o seu desejo de unir-se de novo a Deus. Na medida que era verdadeira a afirmação de uma alma contrita, acompanhada de uma oblação interior inflamada pelo zelo religioso, essas vítimas ofertadas preenchiam de certo modo, a finalidade de satisfazer à Justiça divina, que fora gravemente ofendida pelo homem. E Deus Misericordioso, vendo o arrependimento do pecador, perdoava e aceitava a morte do animal, no lugar do homem. Assim, o derramamento de sangue foi e será até o fim dos tempos, necessário para a santificação do homem decaído.

O sangue no Antigo Testamento tem uma dinâmica própria que é estabelecida pelo seu uso específico, que diferencia o sangue animal do sangue humano, uma vez, que o sangue animal pode ser derramado: sobre o altar no

caso de sacrifício, sobre o sacerdote e o povo, ou no solo tratando-se de um abate para o consumo da carne; e o sangue humano jamais deve ser derramado, esclarecendo que a função do sangue: é vida, servindo de antídoto contra a morte, o pecado e o afastamento de Deus.

A doutrina da indisponibilidade<sup>1</sup> do sangue, salvo o uso estabelecido por Deus, constitui uma etapa fundamental em direção ao Único e Eterno Sacrifício de que fala o Novo Testamento, único caso na Bíblia, em que encontramos o sangue humano legitimamente usado com um escopo expiatório, passando naturalmente pelo sacrifício da Antiga Aliança. Este uso teológico do sangue põe a base para o conceito de santidade da vida humana, conceito onde teologia e antropologia se encontram, especialmente na figura do Novo Adão, cujo Sangue nos purifica de todo pecado (cf. Rm 3,25). Desse modo, vemos que no Antigo Testamento há uma ligação entre sangue, vida e morte, visto que, o sangue pode ser usado para restabelecer a comunhão com Deus e fazer a purificação do homem pecador, que está “morto” por estar fora dessa comunhão, pois é o sangue que faz a expiação pela vida do homem (cf. Lv 17,11).

## 1.2 O Sangue e a Aliança no Antigo Testamento

Na tradição bíblica do Antigo Testamento a aliança entre Deus e o povo de Israel ocupa um lugar central na fé judaica, sendo um dos conceitos mais importantes que a Sagrada Escritura usa para designar a relação entre Deus e o homem na economia salvífica, que alcançará sua plena realização com Jesus Cristo. O sangue, por ter um caráter sagrado, desempenha um papel significativo nessa teologia da aliança.

Desde a antiguidade, Israel considera tanto sua religião como sua ética determinadas por sua relação de aliança com Deus. Assim, a aliança vai se consolidando e se tornando um elemento necessário para a fé e a para vida de Israel.

Deus revela-se a seu povo, e este, à medida que reconhece em sua história a presença do Deus da Aliança, amadurece sua fé, formando sua identidade, como povo eleito. Os sinais da presença de Deus no meio do povo aparecem, no pacto da Aliança de Sangue, onde Ele mostra fidelidade amorosa e soli-

<sup>1</sup> Significa que o sangue tem um uso específico no Antigo Testamento, ou seja, “só pode ser usado no culto que Israel presta a Deus” (PENNA, 1980, p. 383).

cidade paternal. Ele é o Deus da Aliança e por isso, ao longo de todo Antigo Testamento, é apresentada uma série de alianças entre Deus e seu povo.

A relação de aliança entre Deus e o homem é situada pela tradição israelita no início da história da humanidade. Deus, ao criar o homem, quis que ele participasse da vida divina, representada pela amizade com seu Criador, pela comunhão com a criação, pela graça e justiça original, que o homem gozava no paraíso. Por amor e por graça, o homem foi chamado a uma aliança com o Criador.

No Antigo Oriente, uma aliança realizada entre homens tinha caráter bilateral e implicava a aceitação de deveres de ambas as partes pactuantes: era um compromisso mútuo. Para exprimir que os participantes da aliança, estivessem obrigados irrestritamente até a morte a observar o pacto, imolavam-se animais e dividiam-nos ao meio, colocando as respectivas metades em duas fileiras paralelas. Cada um dos contratantes passava por entre as carnes imoladas, mostrando, com isso, que assumiriam a sorte das vítimas, ou seja, “que estavam dispostos a derramar o sangue e a sofrer a morte, caso fossem infiéis à aliança estabelecida” (BETTENCOURT, 1990, p. 187).

Na tradição de Israel, esse rito aparece na Aliança que Deus faz com Abraão, prometendo-lhe uma descendência numerosa e abençoada, além da posse da terra, se ele fosse fiel a Deus. Abraão distribuiu os animais imolados e divididos, que foram colocados em duas fileiras paralelas. E uma coluna de fumaça, fogo e brasa, que representava Deus, passou por entre as carnes (cf. Gn 15,7-19). Deus fez Aliança com Abraão. Essa Aliança é sancionada com o sangue das vítimas e com o sangue do próprio Abraão no rito da circuncisão. É interessante que no texto de Gn 17,1-26 se incorpore o ritual da circuncisão de Abraão e de seus descendentes, na narrativa da instituição da Aliança de Sangue, de tal forma que as gerações posteriores dos israelitas possam participar da experiência dos fundadores. A Aliança de Sangue realizada aqui expressa um compromisso vinculante, vínculo estável, representado pela posse da terra (cf. Gn 15,18) e pela circuncisão, instituída por Deus, como sinal visível da Aliança entre Deus e seu povo: “minha aliança estará marcada na vossa carne como uma aliança perpétua” (Gn 17,13).

Logo depois da realização da Aliança de Sangue entre Deus e Abraão, nasce Isaac, o filho da promessa. Dessa maneira, Deus mostra que Ele é fiel e cumpridor de suas promessas, mas Deus também quer experimentar o coração de Abraão e o põe à prova, ordenando que ele ofereça Isaac em sacrifício: a vida

do filho e herdeiro deve ser sacrificada. Abraão confia em Deus e o obedece imediatamente. Em resposta à pergunta de Isaac sobre o animal do sacrifício, Abraão diz que Deus “proverá” o cordeiro. Ele toma a faca para matar o seu filho único e oferecê-lo em sacrifício, porém o Anjo o impede.

Na Aliança que Deus constitui com o povo de Abraão liderado, agora, por Moisés, o sangue desempenha um papel central. Com efeito, por ocasião da décima praga desencadeada por Deus sobre o Egito, foi o sangue do cordeiro pascal que, marcando as portas das casas dos hebreus, afastou a morte e pôs fim ao cativeiro (cf. Ex 12,29-36). O autor sagrado conecta o sacrifício do cordeiro, com o êxodo e a intervenção de Deus na história e assim, o sangue se torna o sinal da salvação realizada por Deus. “Mas a ação redentora de Deus para com Israel não é um fim em si mesma; ela possui como meta criar uma nova vida dentro de uma criação cada vez mais ampla e renovada” (LÓPEZ, 1998, p. 53). Essa ideia é confirmada pela iniciativa de Deus em fazer uma Aliança com Israel, logo após libertá-lo e revelar-se como seu Deus e Rei. E novamente aqui a Aliança no Sangue será um elemento indispensável.

Com efeito, no ritual da Aliança do Sinai, realizado entre Deus e o povo de Israel, Moisés derrama metade do sangue das vítimas sobre o altar, que representa Deus, e a outra metade sobre o povo, significando que as duas partes envolvidas na Aliança, participam de uma vida comum. Dessa maneira, as partes pactuantes tornam-se simbolicamente um só sangue, uma só família, porque o sangue da Aliança une os contraentes, em uma relação única. Tal gesto exprime a comunhão íntima entre Deus e o seu povo, comunhão que contém em si bênçãos de vida ou maldição, cuja consequência é a morte. Sendo assim, o sangue da Aliança, que constitui o último ato da Aliança, traz em si um rito consagratório<sup>2</sup>, já que o sangue derramado une Israel a Deus de maneira indissolúvel. O sangue torna-se sinal de comprometimento: Deus estabelece certos deveres a Israel e, em troca, promete ser o seu Deus, ajudá-lo, protegê-lo, guardá-lo, abençoá-lo e libertá-lo.

O ritual da Aliança do Sinai mostra que os elementos constitutivos da Aliança são: a palavra de Deus, a acolhida que o povo faz dessa palavra transmitida por Moisés, o rito dos sacrifícios, o altar e o rito de aspersão de sangue. Esses elementos são inseparáveis. Assim, o sangue, sinal de vida, passa a ser, na

<sup>2</sup> São “os ritos de consagração onde se usava o sangue, para consagrar (separar para Deus), seja o tabernáculo, o altar, o sacerdote, o povo” (PENNA, 1980, p. 385).

teologia da aliança, também testemunha da bênção, da comunhão, da expiação e da libertação que provêm da Aliança que Deus fez com seu povo eleito.

Com efeito, é na Aliança de Sangue que Israel experimenta a presença viva e próxima de seu Deus, pois é por meio dela que Israel se torna povo eleito de Deus, seu filho primogênito (cf. Ex 4,22). Por isso, ela se torna a Aliança por excelência e o monte Sinai “passa a ser um dos pilares sobre os quais se assentou a religião de Israel” (LÓPEZ, 1998, p. 62). A quebra da Aliança do Sinai revela um Deus misericordioso. Ele continua fiel e envia seus profetas para conscientizar o povo de seus pecados, e mostrar que os males que se abatem sobre ele são devidos à quebra da Aliança com Deus, cuja consequência foi a retirada de sua proteção (cf. Jr, 7,1-15; Ez 10-11).

Mesmo diante das infidelidades de Israel, o Senhor “revelou sua misericórdia e amor, tanto nas obras como nas palavras” (DM, n. 4), perdoou as infidelidades e traições, após encontrar-se diante da penitência e a conversão autêntica do seu povo, e restabeleceu novamente sua Aliança. Assim, na renovação da Aliança se apresenta como centro, o amor e a misericórdia de Deus e não a infidelidade e o pecado do povo: “O Senhor ama Israel com o amor de uma particular eleição, semelhante ao amor de um esposo e por isso perdoa suas culpas” (Ibid.).

Nos livros proféticos, aparece a ideia de uma nova Aliança realizada entre Deus e o resto de Israel (cf. Jr 31,31-34; 32,37-41; Ez 16,60-63; 34,25-31; 37,15-28). Essa Aliança será superior a anterior, porque deriva do amor eterno e misericordioso do Deus de Israel (cf. Jr 31, 3.20). Ela tem caráter messiânico, pois Deus promete firmar essa nova Aliança, com o rei ideal que virá da casa de Davi e “exercerá o direito e a justiça na terra” (Jr 33, 14-26; Ez 37,25;). Essa Aliança será ampliada com Isaías, que aponta para a figura do Servo Sofredor, a sublime vítima de expiação, que livremente se oferece a morte, com nobre sentimento de caridade e de humildade, derramando seu sangue pela redenção de todos os homens. Deus será o fundador e mediador desta nova Aliança de caráter universal, que abarcará todos os homens (cf. Is 55,3-5; 49,6).

Portanto, na Aliança, destaca-se com especial ênfase, a eleição de Israel, derivada do amor divino e selada com sangue, elemento sagrado, simbolizando o caráter peculiar e transcendente da Aliança, preparando e consolidando o conceito de Aliança de Sangue ao longo da história da salvação que alcançará seu sentido pleno na Nova e Eterna Aliança realizada no Sangue de Cristo.

### 1.3 O sangue e os sacrifícios no culto de Israel do Antigo Testamento

Nos textos veterotestamentários, os sacrifícios e o culto estão situados no centro da relação entre o ser humano e Deus. Praticamente, todos os livros do Antigo Testamento tratam do sacrifício e podemos ver neles “uma teologia do sacrifício que coloca no centro o sangue, como pertencendo a Deus, mas dado por Ele, para sempre de novo efetuar a purificação, possibilitando uma vida nova para o homem que, por sua culpa, estava entregue à morte” (WILLI-  
-PLEIN, 2001, p. 144).

O uso do sangue, no sacrifício, faz parte da cultura judaica e é um elemento essencial do culto, porque é por ele que se realiza e se atualiza a comunhão de Deus com o seu povo. Com efeito, vemos que nos rituais israelitas, o lugar reservado ao sangue é, sem dúvida, primordial, pois “o elemento simbólico comum em todos os sacrifícios do Antigo Testamento é a presença do sangue; e visto que este é universal, muito provavelmente, exprime a nota essencial do simbolismo sacrificial” (McKENZIE, 1983, p. 820).

Nos textos bíblicos, principalmente no Pentateuco, se pode ver, claramente, como o uso do sangue no sacrifício e no culto ocupa um lugar central na vida do povo de Israel. Pode-se dizer, inclusive, que no Pentateuco se tem o núcleo da teologia do sangue, devido à teologia do sacrifício, visto que, nos ritos, tudo o que se pretende obter com as ofertas sacrificiais, é apresentado como um efeito produzido pelo sangue das vítimas. Sendo assim, os ritos de sangue assumem uma importância primordial na liturgia de Israel, passando a ser um elemento essencial e indispensável, que representa a vida, sendo simbolicamente oferecido a Deus.

O sangue tem o poder de expiar o pecado, reconciliar e fazer a purificação, além disso; é derramado sobre o altar (cf. Lv 3,2), é aspergido diante do véu do santuário (cf. Lv 4,6), é derramado na base do altar (cf. Lv 4,7), é colocado sobre os chifres do altar (cf. Lv 4,25) e ele é, também, usado no rito de consagração dos sacerdotes, visto que, Deus mandou Moisés imolar um carneiro, e com o sangue aspergir Aarão, seus filhos e a indumentária de todos (cf. Ex 29,19-21). A efusão de sangue sobre o corpo e as vestes simboliza que toda a pessoa do sacerdote está envolvida pela graça divina e, daquele momento até a morte, significada pelo sangue derramado, Aarão e seus filhos pertencem ao serviço do Senhor. O sangue aqui marca a pertença exclusiva a Deus.

O sangue também está ligado à consagração e ao serviço sacerdotal no Templo: a função dos sacerdotes no culto era oferecer sacrifícios expiatórios e holocaustos por seus pecados e pelos de toda a comunidade de Israel.

Nos textos bíblicos, são regulamentados os diversos aspectos do culto com vários ritos e sacrifícios para todas as circunstâncias da vida do povo e as normas precisas do uso do sangue. Com efeito, o uso do sangue no sacrifício torna-se essencial ao culto para “significar, realizar e atualizar a união de Iahweh com seu povo” (WILLI-PLEIN, 2001, p. 144).

Os elementos essenciais que caracterizam a função do sangue nos sacrifícios podem ser sintetizados nos seguintes pontos: o sangue afasta o perigo, consagra, purifica e expia. A ideia de expiação e santificação estava intimamente ligada, no Antigo Testamento, à noção de Aliança com Deus, que era selada com o sangue dos sacrifícios. Estas ideias tiveram consequências práticas de grande importância na História da Salvação. Segundo a Lei, de fato, quase todas as coisas são purificadas com sangue, e “sem efusão de sangue não há remissão de pecado” (Hb 9,22). É o próprio Deus, que dá ao sangue um valor sagrado e expiatório. É por essa razão que o sangue pode ser usado em alguns ritos de sacrifícios, como vem descrito, por exemplo, nos ritos de sacrifício a seguir:

a. Sacrifício de holocausto: a vítima, colocada sobre o altar, é totalmente consumida pelo fogo, com exceção da pele, pois esta corresponde ao sacerdote. Neste tipo de sacrifício, a função do sacerdote começa quando o sangue da vítima se põe em contato com o altar, porque o contato do sangue, que é a própria vida (cf. Lv 17,14), com o altar, que é o sinal da presença divina, providencia a transferência da vítima da esfera terrena para o plano divino, em um ritual apresentado pelo sacerdote.

b. Sacrifício de comunhão: sua característica principal é o banquete ritual sagrado. A matéria sacrificial é repartida entre Deus, os sacerdotes e o ofertante, que compartilham um alimento da mesma natureza, a carne. O sangue é a parte exclusiva de Deus, devido ao seu caráter sagrado e por ser a vida. Ele é transmitido a Deus quando o sacerdote o derrama sobre o altar e em sua base. O restante da vítima deve ser cozido em água e repartido entre os sacerdotes e o ofertante. A função do sangue, nesse sacrifício, é realizar a comunhão entre Deus e o ofertante, pela mediação do sacerdote.

c. Sacrifício de expiação: aqui, o homem que ofendeu a Deus pelo pecado, transgredindo a Aliança, pode voltar à comunhão e à graça, reconciliando-se

com o Senhor. “O que mais caracteriza estes sacrifícios são os ritos de sangue. O sangue tem valor purificador e protetor” (LÓPEZ, 2004, p. 189). Aqui, trata-se de purificar as impurezas ocasionadas pelos pecados e pelas transgressões, cometidas contra Deus: “se o pecado mancha a terra, com maior razão manchará o santuário. Daí a necessidade dos ritos de expiação pelo sangue” (Ibid.). O tipo de impureza varia de acordo com o pecado cometido e a qualificação da pessoa que incorre nele.

O rito mais solene é o do grande Dia das Expições que ocorre uma vez por ano (cf. Lv 16,11-19). O sumo sacerdote, com o sangue de um novilho, asperge sete vezes o véu que separa o Santo dos Santos. Em seguida, coloca um pouco do sangue sobre os chifres do altar do incenso que é queimado diante de Deus, e derrama o resto do sangue na base do altar dos holocaustos.

Um ritual semelhante é realizado com o sangue de um bode pelos pecados de todo o povo, e, depois de aspergir com o sangue o altar, se queima o corpo da vítima. O significado da expiação reside no fato de que o elemento vital contido no sangue, neutraliza, remove e purifica tudo o que se interpõe e rompe a comunhão entre Deus e o homem. O efeito do sangue é colocar a pessoa em estado de santidade ritual e religiosa-moral, que competia ao Antigo Testamento. A função desse rito é precisamente expressa no livro do Levítico: “porque a vida da carne está no sangue. E este sangue eu vo-lo tenho dado para fazer o rito de expiação sobre o altar, pelas vossas vidas; pois é o sangue que faz a expiação pela vida” (Lv 17,11). Portanto, o sangue do qual se fala aqui, é o sangue da expiação, a única categoria de sacrifício que atribui ao sangue a função de absolver. Essa absolvição é realizada através do sangue que contém a vida. Como o sangue é vida, pode servir como um antídoto para a morte e tudo o que é fator de morte, como é o caso do pecado, que é morte espiritual e moral, visto que rompe a comunhão com Deus e, conseqüentemente, exclui o pecador da comunidade de Israel, que é o povo de Deus.

Deste modo, no Antigo Testamento, o sangue e os sacrifícios são dois aspectos centrais do culto de Israel, e fazem parte da experiência de salvação realizada por Deus.

Com efeito, os textos do Antigo Testamento trazem, de forma implícita, o sangue como revelação do amor de Deus para com seu povo, como nos apresentam os profetas (cf. Jr 31,3; Is 54,10). Na mesma linha encontramos o Papa São João Paulo II, que afirma: “esta verdade, anunciada outrora a Israel, encerra em si a perspectiva de toda a história do homem, perspectiva que é conjuntamente temporal e escatológica” (DM, n. 4).

Assim, Deus revela a sua pedagogia na história do povo de Israel, ao mostrar o sangue como elemento de purificação, de expiação, de remissão dos pecados, de comunhão e de aliança, que alcançará em Cristo sua plena significação e valor, pois será o meio eficaz para a redenção de todo o gênero humano.

## 2 O Sangue no Novo Testamento

### 2.1 O Sangue de Cristo: Amor Divino Encarnado

O desígnio eterno de Deus de enviar o seu próprio Filho a este mundo para resgatar a raça humana, perdida e manchada pelo pecado, e restituir-lhe a participação na vida divina, é a obra-prima da sua sabedoria e de seu amor, que se manifesta, sobretudo, na obra da Encarnação e da Redenção (MARMION, 2017a, p. 128). Afirmção semelhante encontramos em São João: “Nisto se manifestou o amor de Deus por nós. Deus enviou o seu Filho único ao mundo para que vivamos por Ele” (1Jo 4,9).

A vinda do Filho de Deus ao mundo é um acontecimento tão importante, que Deus quis “prepará-lo ao longo dos séculos” (DV, n. 3). Lembrando tantas vezes as primitivas promessas, revelando pouco a pouco, pela voz dos profetas, os traços do Redentor futuro, Deus quis fazer brotar nos corações dos justos do Antigo Testamento, as disposições necessárias para a vinda do Messias. Uma vez que o Messias prometido era o objeto para o qual convergiam todos os anelos, todos os desejos, todo o culto e toda a religião da Antiga Aliança. Assim, todos os acontecimentos convergiam para Jesus Cristo. Ritos e sacrifícios, figuras e símbolos do Antigo Testamento o representavam. Segundo a bela expressão de um autor dos primeiros séculos: “o Antigo Testamento trazia Jesus Cristo em suas entranhas” (AGOSTINHO *apud* MARMION, 2017a, p. 110).

O cristianismo, desde cedo, viu no Antigo Testamento a figura e a preparação da vinda do Messias prometido. Na pessoa de Jesus Cristo, Deus cumpriu suas promessas: quando chegou “a plenitude do tempo, enviou Deus seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a Lei, para resgatar os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial” (Gl 4,4-5).

Por uma decisão totalmente livre, aprouve a Deus, em sua bondade e sabedoria “revelar-se a Si mesmo e tornar conhecido o mistério de sua vontade, pelo qual os homens, por intermédio de Cristo, Verbo feito carne, no Espírito

Santo, têm acesso ao Pai e se tornam participantes da natureza divina” (DV, n. 2). Assim, segundo o Magistério da Igreja, “Cristo Jesus é ao mesmo tempo Mediador e Plenitude de toda a Revelação” (CEC, n. 65).

A Encarnação do Verbo de Deus marca uma mudança radical na história da revelação e da comunicação de Deus com o homem, pois, o Verbo eterno tornou-se, agora, temporal e, para isso, torna-se carne, daí a afirmação fundamental: “No princípio era o Verbo e o Verbo era Deus. E o Verbo se fez carne” (Jo 1,1-2.14). Jesus Cristo é o Verbo de Deus, “é o Amor Divino Encarnado” (BURKE, 2017, p. 9).

Portanto, não se trata apenas de afirmar um novo estado do Verbo de Deus como tal, mas, também, de estabelecer com segurança que a sua presença, sob esse novo modo, é um habitar conosco verdadeiramente. Ele “não assumiu a carne como se vestisse uma roupa. Ele tornou-se carne” (LÉON-DUFOUR, 1996, p. 93). Com efeito, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, ao Encarnar-se assumiu a nossa natureza, para uni-la a Si pessoalmente. Tomou de nós a natureza humana, que fez sua, “unindo-se a ela física, substancial e pessoalmente, por laços inefáveis” (MARMION, 2017a, p. 72).

Deus, o Ser eterno, que possui a plenitude de toda a perfeição e que possui a vida em Si mesmo, por amor, nasce de uma mulher, na completude do tempo (cf. Gl 4,4). Como nós, Jesus possui uma natureza humana, completa, integral nos seus elementos constitutivos. Como nós, Cristo tem uma alma racional dotada de faculdades semelhantes às nossas. O próprio Deus toma nossa humanidade. Concebido “pela misteriosa ação do Espírito Santo no seio da Virgem Maria, Jesus Cristo é gerado da mais pura substância do sangue da Virgem e o corpo que dela recebe torna-O semelhante a nós. Tudo o que era nosso Ele fez seu, exceto o pecado” (Ibid., p. 74). Com efeito, Cristo é homem, mas de uma pureza imaculada, como convinha à dignidade de um Homem-Deus, ou seja, Ele é perfeito Deus e perfeito homem, como afirma a Tradição da Igreja:

Confessamos, nosso Senhor Jesus Cristo, Filho unigênito de Deus, perfeito Deus e perfeito homem, composto de alma racional e de corpo, antes dos séculos gerado do Pai segundo a divindade, no fim dos tempos nascido, por causa de nós e de nossa salvação, da Virgem Maria, segundo a humanidade, consubstancial ao Pai segundo a divindade e consubstancial a nós segundo a humanidade. Aconteceu de fato, a união das duas naturezas, e por isto nós confessamos um só Cristo, um só Filho, um só Senhor (DZ, n. 301).

Essa verdade dogmática é fundamental, pois é a Humanidade de Jesus que torna Deus visível, mas, principalmente, torna Deus passível, capaz de sofrer, de derramar Sangue e expiar os pecados pelo sofrimento, por meio de seu sacrifício na Cruz. É a divindade unida à humanidade, pela Encarnação do Filho de Deus, que dá valor salvífico e caráter irrevogável ao Sacrifício de Cristo. Um valor infinito que bastará para resgatar o mundo, destruir o pecado e fazer superabundar a vida da graça nas almas, realizando a redenção e salvação de todo o gênero humano. Pois, se Cristo não é verdadeiramente Deus, eterno e igual ao Pai, então não pode nos comunicar a vida de Deus. Como afirma Santo Ireneu, ao apresentar o mistério de Cristo como Mediador entre Deus e os homens:

Ele reuniu e uniu [...] o homem a Deus. Pois se não tivesse sido um homem a vencer o adversário do homem, o inimigo não teria sido vencido em toda a justiça. Em contrapartida partida, se não fosse Deus quem nos tivesse outorgado a salvação, não a teríamos recebido de maneira estável [...]. Pois era preciso que o “Mediador de Deus e dos homens” (1Tm 2, 5), por seu parentesco com cada uma das duas partes, reconduzisse ambas à amizade e à concórdia, de modo que ao mesmo tempo Deus acolhesse o homem e o homem se oferecesse a Deus (IRENEU *apud* SESBOÛÉ, 2015, p. 152).

De fato, o ato redentor de Cristo realizado em sua Paixão, Morte e Ressurreição e selado com o Seu Sangue, só nos alcançou a salvação, porque foi realizado pelo Verbo de Deus feito carne. Pois, se “Cristo fosse somente verdadeiro Deus, não precisaria ofertar um sacrifício expiatório, e, além disso, não poderia derramar Seu Sangue em favor do homem” (MARMION, 2017a, p. 99).

Deste modo, era preciso que Cristo assumisse a natureza humana em tudo, exceto no pecado, e por meio da efusão de Seu Sangue, reconciliasse o homem com Deus, pagando sua dívida infinita. Só um Deus-homem<sup>3</sup> poderia pagar a dívida no lugar do homem pecador. Só Cristo poderia oferecer um sacrifício equivalente ao pecado infinito do homem e cancelar sua dívida eterna. Por isso, Cristo é o único Mediador da Nova Aliança, porque pode empreender um

---

<sup>3</sup> É o argumento soteriológico de Santo Anselmo de Cantuária [...] “4º tempo.- *Só um Deus-homem pode cumprir a satisfação que salva o homem* [...]. Nenhum homem pode satisfazer, e todavia é o homem o incumbido da satisfação [...]. Somente Deus seria capaz de cumprir uma satisfação digna de Deus, mas de nada serviria que Deus satisfizesse no lugar do homem (ANSELMO *apud* SESBOÛÉ, 2015, p. 413).

ato de obediência que é ao mesmo tempo humano e divinamente filial. Assim, a Nova Aliança no Sangue é fruto da escolha livre de Cristo, Novo Adão, que, assumindo as consequências da desobediência do primeiro Adão, morre por obediência e opera a justificação do homem pecador, por meio de sua entrega-doação no sacrifício cruento da Cruz. Conforme, nos ensina Santo Ireneu:

Era preciso que aquele que viesse matar o pecado e resgatar o homem digno de morte se fizesse aquilo mesmo que este era [...] a fim de que o pecado fosse morto por um homem e que o homem assim saísse da morte. Pois tal como pela desobediência de um só homem, [...] “muitos foram constituídos pecadores” e perderam a vida, assim era preciso que, pela obediência de um só homem, [...] “muitos fossem justificados” e recebessem a salvação (IRENEU *apud* SESBOÛE, 2015. p. 153).

Com efeito, Deus se faz homem por nós. Ele se encarna para “nossa salvação” (DZ, n. 150). Assim, a Encarnação do Filho de Deus revela o amor incondicional de Deus pelo homem, como afirma a Tradição da Igreja:

Tal é a razão pela qual o Verbo se fez homem e o Filho de Deus, Filho do homem: é para que o homem, unindo-se ao Verbo e recebendo assim a filiação adotiva, se torne filho de Deus. O Verbo de Deus, Jesus Cristo, nosso Senhor, [...] por causa de seu amor superabundante se fez exatamente o que somos a fim de fazer de nós exatamente o que Ele é (IRENEU *apud* SESBOÛE, 2015. p. 293).

Por conseguinte, o intercâmbio salvífico realizado em Cristo entre Deus e o homem supõe uma dupla solidariedade de Cristo, de um lado com Deus, e do outro com o homem, pois, como afirma Gregório de Nazianzo: “o que não foi assumido não foi salvo; mas aquilo que foi unido a Deus é que foi salvo” (*Ibid.*, p. 295). Portanto, a Nova e Eterna Aliança só foi possível, porque Jesus Cristo, Amor Divino, se Encarnou. Assim, o Sangue Precioso de Cristo, de valor imensurável, é que sela a Nova e Eterna Aliança e lhe dá caráter irrevogável.

## 2.2 A Nova Aliança no Sangue de Cristo e sua eficácia no mistério salvífico

Na plenitude dos tempos, Jesus Cristo, o Verbo de Deus feito carne (cf. Gl 4,4-5), instaurou em Seu Sangue a Nova e Eterna Aliança, como afirma a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*:

Eis que virão dias, diz o Senhor, em que Eu farei Nova Aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. Gravarei a minha lei nas suas entranhas, e a escreverei nos seus corações e serei o seu Deus e ele será o Meu povo (Jr 31,31-34). Foi Cristo quem instituiu esta Nova Aliança, isto é, o novo testamento em seu Sangue (cf. 1Cor 11,25), chamando de entre os judeus e gentius um povo, que junto crescesse para a unidade, não segundo a carne, mas no Espírito, e fosse o novo Povo de Deus (LG, n. 9).

A teologia da Aliança permeia todo o Novo Testamento, visto que, a aquisição da humanidade por Deus é selada por uma Nova Aliança que substitui e aperfeiçoa o pacto sinaítico. E é consagrada pelo Sangue de Cristo, ou seja, a redenção do ser humano se dá mediante o Mistério Pascal, que é consumado no sacrifício de Cristo na Cruz.

Com efeito, a fonte da grandeza e da originalidade da Nova Aliança, fundada no Sangue de Cristo, provém da filiação divina de Jesus Cristo. Pois, Ele é o Filho de Deus Encarnado. Seu corpo “é um corpo verdadeiro, formado do sangue puríssimo da sua Mãe, a Virgem Maria” (MARMION, 2017a, p. 74). Jesus Cristo, Filho de Deus, ao se Encarnar, assumiu a linhagem de Davi, cumprindo a promessa de Deus, que jurou a seu servo, firmar-lhe sua raça para sempre. Jesus, da família real de Davi (cf. 2Sm 7,1-16), é o Messias esperado por Israel, que Deus enviou ao mundo para estabelecer, com seu Sangue, a Nova e Eterna Aliança.

As Alianças do Antigo Testamento eram realizadas entre Deus e o homem e seladas com sangue de animais, tinham caráter provisório e não possuíam eficácia permanente. Por isso, precisavam ser sempre renovadas, pois o povo de Israel, muitas vezes, quebrava o pacto de amor que o unia a seu Deus. Assim, não se pode negar que os ritos e “os sacrifícios do Antigo Testamento eram limitados, precários e imperfeitos” (BETTENCOURT, 1990, p. 189).

Isso muda radicalmente no Novo Testamento, pois o próprio Deus entra na Aliança. Ele é, ao mesmo tempo, a Vítima Imolada e o Sacerdote que a oferece. Pela Encarnação, o Verbo incorpora-se na nossa raça, torna-se autenticamente um de nós. Pode, portanto, “tornar-se Pontífice, Sumo Sacerdote, Mediador da Nova e Eterna Aliança, porque, sendo Deus e homem, pode ligar o homem a Deus” (MARMION, 2017a, p. 93). Ele oferece, em nome de todos, a sua Carne e o seu Preciosíssimo Sangue no altar da Cruz.

Com efeito, é no momento de sua Encarnação que Jesus Cristo é consagrado o primeiro Sacerdote da Nova Aliança. “Desde sua entrada no mundo,

inaugura-se o sacrifício desse Pontífice único, que culminará na Sua Paixão, morte de Cruz e Ressurreição” (Ibid., p. 91). Seu Sangue Precioso sela e inaugura a Nova e Eterna Aliança. “Esse cálice é a Nova Aliança em meu Sangue, que é derramado por vós para a remissão dos pecados” (Lc 22,20). Assim, é o valor imensurável do Sangue Precioso de Cristo, “verdadeiro Deus e verdadeiro homem” (DZ, n. 301) que torna essa Aliança eficaz e que dá à morte de Jesus, no Calvário, um valor infinito. Pois é pelo “Sangue de Cristo que temos a redenção, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da Sua graça que Ele derramou profusamente sobre nós” (Ef 1,7-8).

Todo verdadeiro sacrifício supõe um sacerdócio, encarregado de oferecer sacrifícios em nome de todos (cf. Hb 8,3). Como vimos na lei judaica, todo sacerdote era escolhido por Deus na tribo de Aarão e consagrado ao serviço do templo por uma unção especial (cf. Ex 29,1-30). O mesmo não ocorre com Jesus Cristo, o Seu sacerdócio é transcendente; “a unção que O sagra Pontífice supremo é inteiramente singular: é aquela da graça de união que, no momento da Encarnação, une à pessoa do Verbo a humanidade por Ele escolhida” (MARMION, 2017b, p. 287).

Jesus Cristo, por ser o próprio Filho de Deus, pode oferecer o Único Sacrifício digno de Deus. E, por ser o Mediador soberano entre Deus e os homens, “o seu sacrifício tem, como o Seu sacerdócio, um caráter de perfeição única e de valor infinito” (Ibid., p. 288). Com efeito, Deus Pai confirmou, por juramento, essa condição e dignidade de Pontífice: “jurou o Senhor, e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque” (Sl 110,9). Por essa razão, Jesus Cristo é Sacerdote Eterno, porque a união da divindade e da humanidade na Encarnação é indissolúvel. Assim, Cristo possui um sacerdócio sem fim, porque permanece para sempre (cf. Hb 7,3).

Desse modo, Cristo é o Sumo Sacerdote de uma Aliança Nova e melhor, como nos apresenta a carta aos Hebreus 7, 26-27: “Santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores, elevado mais alto do que os céus. Ele não precisa oferecer sacrifícios a cada dia, primeiramente por seus próprios pecados, e depois pelos do povo. Ele já o fez, uma vez por todas, oferecendo-se a Si mesmo”.

De fato, Cristo, Sumo Sacerdote, entrou no verdadeiro Santuário, uma vez por todas (Hb 9,12). “Entrou no céu, não com seu Sangue, mas por meio de seu Sangue, ou seja, por meio de sua morte na Cruz. Ele assentou-se à direita de Deus Pai e por amor intercede continuamente por nós” (SEIFRID, 2012, p.

327). Por essa razão, só Ele é o Nosso Mediador que está diante do Pai, apresentando-Lhe incessantemente o seu sacrifício, de que “são perpétua memória as cicatrizes das suas chagas” (FUSCO, 2006, p. 99), e está sempre a interceder por nós, porque vive para sempre (cf. Hb 7,25).

Diferentemente daquela Aliança Sináitica, a Nova Aliança, estabelecida no Calvário, não é mais limitada a um único povo, Israel, mas essa eleição de amor se estende a toda a humanidade congregada na Igreja de Cristo. “Ele morreu por todos, a fim de que todos vivam para Aquele que morreu e ressuscitou por eles” (2Cor 5,15).

Conseqüentemente, todos os sacrifícios do Antigo Testamento, como assevera São Paulo, eram apenas figuras (cf. 1Cor 10,11), rudimentos fracos (cf. Gl 4,9), mas eles agradavam a Deus unicamente porque representavam o sacrifício futuro, o único que podia ser digno d’Ele: o Sacrifício do Homem-Deus na Cruz.

No Antigo Testamento, Deus não permitiu o sacrifício de Isaac, porém, na plenitude dos tempos (cf. Gl 4,4), Ele mesmo providenciou o Verdadeiro Cordeiro, Cristo seu Filho e, aceitou sua imolação na Cruz. “Deus nos amou e enviou-nos seu Filho único como vítima de expiação pelos nossos pecados” (1Jo 4,9-10). Com efeito, o próprio “Deus o expôs como instrumento de propiciação, por seu próprio Sangue, mediante a fé” (Rm 3,25).

Portanto, Jesus Cristo é o Cordeiro Pascal, que com o seu próprio Sangue, derramado até à última gota, como nos holocaustos, tira o pecado do mundo. Ele foi imolado<sup>4</sup> em nosso lugar. Substituiu-nos, “carregou todas as nossas iniquidades, tornou-se vítima por nossos pecados” (Is 53,6). Segundo o Magistério da Igreja, Cristo é o “Cordeiro inocente que por meio de seu Sangue, livremente derramado, mereceu-nos a vida. N’Ele Deus nos reconciliou consigo e entre nós, arrancando-nos da servidão do diabo e do pecado, nos purificou e santificou” (GS, n. 22). Assim, à semelhança dos sacrifícios da Lei no Antigo Testamento, “o Sangue de Cristo reconcilia, purifica e santifica” (SEIFRID, 2012, p. 328).

Por conseguinte, a Nova Aliança inaugurada no Sangue de Cristo, mostrou o admirável intercâmbio de amor entre Deus e a humanidade. Pois, o Verbo de Deus ao se fazer carne e sangue, assumiu a nossa natureza humana

<sup>4</sup> Segundo São João a Páscoa dos judeus ainda não havia chegado. Jesus será morto no momento em que se imolavam os cordeiros no Templo, na Vigília da Páscoa (cf. Jo 19,14.31.42). Ele é o verdadeiro Cordeiro Pascal (cf. Jo 19,36; 1Cor 5,7).

e divinizou o homem, e ao mesmo tempo, revelou o rosto humano de Deus. Assim, o próprio Deus realizou o desejo mais profundo do homem: ver a Deus face a face. Pois, com o pecado de Adão, o homem havia rompido a Aliança com seu Criador, perdido o direito à vida e de ver a face de Deus, como fazia no jardim do paraíso. Portanto, era necessário que Cristo, Senhor da Vida, se Encarnasse, assumindo nossa condição humana, e assim, vencesse o pecado e a morte, trazendo-nos a salvação e o dom da filiação divina, e a assim, fizesse novamente o homem participante da vida divina.

Em virtude de seu infinito amor por nós, o Pai eterno, quis construir com o Corpo e o Sangue de seu Filho único, “uma ponte sobre o abismo que nos separava Dele, uma ponte que vai do céu à terra; refazendo o caminho que estava interrompido e permitindo ao homem atravessar a amargura do mundo para alcançar a vida eterna com Deus” (SANTA CATARINA *apud* MARMION, 2017a, p. 93-94).

Com efeito, a Nova e Eterna Aliança no Sangue de Cristo é essa ponte, que nos restitui a comunhão com o nosso Criador. E a garantia de que podemos atravessá-la, é que Jesus Cristo pagou o preço do nosso resgate com o seu próprio Sangue (cf. 1Pd 1,18). Assim, na Nova Aliança, o Sangue de Jesus Cristo é “a manifestação do seu infinito amor por nós” (FUSCO *apud* CONSTITUIÇÕES, 1990, p. 14).

### 2.3 O Sangue que revela o amor

A Redenção que Cristo realiza na Cruz é o momento mais alto da revelação do imensurável mistério do amor da Santíssima Trindade. A imolação voluntária e cheia de amor de Jesus Cristo, operou a salvação do gênero humano: “sua morte resgatou-nos, reconciliou-nos com Deus, restabelecendo a Aliança que outorga todos os bens, abre-nos as portas do céu e dá-nos a herança da vida eterna” (MARMION, 2017b, p. 292).

Esse sacrifício é suficiente para tudo, “por isso, quando Cristo morre, o véu do Templo de Jerusalém rasga-se em dois para mostrar que os sacrifícios antigos estão abolidos para sempre e substituídos pelo Único Sacrifício digno de Deus” (*Ibid.*, p. 293). Já não há salvação e justiça senão na participação do Sacrifício da Cruz, cujos frutos são inesgotáveis. Por essa oferenda única, diz a Carta aos Hebreus 10,14: “Jesus Cristo levou à perfeição definitiva os que Ele santifica”.

Para Santo Tomás de Aquino, o poder da Caridade de Cristo, ao suportar voluntariamente a morte realizou a redenção da humanidade:

Sofrendo por amor e por obediência, Cristo apresentou a Deus mais do que exigia a compensação de toda a ofensa do gênero humano. Primeiro, por causa do imenso amor que lhe fazia suportar o sofrimento. Segundo, por causa da dignidade de sua própria vida, a de alguém que era Deus e homem, e que ele dava em satisfação. Em terceiro lugar, por causa da extensão da paixão e da grandeza da dor assumida. A paixão de Cristo, portanto, não foi, pelos pecados do gênero humano, uma satisfação somente suficiente, mas superabundante (TOMÁS DE AQUINO *apud* SESBOÛÉ, 2015, p. 417).

Sendo assim, o amor de Deus constitui a chave e o ponto de referência central para entrar na teologia da Caridade do Sangue: “Deus amou tanto o mundo, que entregou seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16). Assim, segundo o Beato Tomás Maria Fusco, Deus Pai em seu amor extremo, entregou seu Filho único à morte para a salvação e a redenção do homem. O Filho acolheu a vontade do Pai e se entregou, por amor, até o derramamento de todo o seu Sangue na Cruz. E o Espírito Santo eleva, presentifica e “atualiza esse Sacrifício, como perene fonte de salvação que jorra por toda a eternidade, alcançando desde Adão até o último homem que nascer sobre a face da terra” (CONSTITUIÇÃO, 1990, p. 14).

Por essa razão, a efusão do Sangue de Cristo que brota de seu lado aberto, no alto da Cruz, é sinal do amor que se manifesta no sofrimento e que gera vida abundante, “pois como do lado aberto de Adão foi formada Eva, a mãe dos viventes (Gn 2,21-22); assim, do lado aberto de Cristo, Novo Adão, adormecido na Cruz, nasceu a Igreja, sua Esposa e mãe de todos os que são viventes espiritualmente” (MCC, n. 25). O próprio Cristo “adquiriu-a com seu Sangue (cf. At 20,28), encheu-a de Seu Espírito... E fez dela o Novo Povo de Deus” (LG, n. 9). Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, purificando-a com o seu Sangue Precioso, fazendo dela sua Esposa, sem mancha, gloriosa, santa e irrepreensível (cf. Ef 5,25-27). “Ambrósio aponta no Sangue de Cristo o precioso diadema que coroa a sua esposa, a Igreja” (AMBROSIO *apud* CONTEGIA-COMO, 2007, p. 1297, tradução nossa).

Além dessa perspectiva nupcial, o sangue e a água que escorreram do lado transpassado de Jesus Crucificado, podem ser também interpretados como tipos da Eucaristia e do Batismo, sacramentos da vida nova confiados à

Igreja. A água, símbolo do Espírito Santo (cf. Jo 7,37-39), aparece como sinal visível da fecundidade da Paixão e mostra “a estreita união entre o Sangue de Jesus e o Espírito Santo, dando ao seu Sangue a capacidade de comunicar o Espírito a todos os crentes” (DIRETÓRIO, 1995, p. 11). O sangue é assim, sinal de um amor generoso que comunica aos homens a vida divina no Espírito.

Em virtude disso, a circuncisão da carne, símbolo da eleição e pertença a Deus no Antigo Testamento; no Novo Testamento, foi substituída pelo Batismo, de caráter indelével, que nos liberta do pecado, nos regenera, nos torna filhos de Deus e membros de Cristo e nos incorpora à Igreja. Assim, o Batismo, “banho da regeneração e da renovação no Espírito Santo, sem o qual ninguém pode entrar no Reino de Deus” (CEC, n. 1214), é condição necessária e garantia de pertença à Igreja, visto que, o gênero humano é reconciliado com Deus e purificado por meio do Sangue de Cristo derramado na Cruz.

O Sacrifício de Cristo é a maior prova do amor de Deus pelos homens, uma vez que, no Calvário, Cristo foi oferecido pelo Pai e Ele mesmo ofereceu-se espontaneamente como vítima de expiação pelos pecados do mundo, dando seu Sangue, já que: “sem efusão de sangue não há remissão” (Hb 9,22). Assim, em seu próprio Sangue, Cristo selou o pacto da Nova Aliança (cf. Hb 9,15-23), revelando sua misericórdia infinita. Pois, enquanto “a voz do sangue de Abel, morto por seu irmão, grita ao céu para obter justiça e vingança (Gn 4,10); a voz do Sangue de Cristo grita ao céu para obter misericórdia e perdão” (CONTEGIACOMO, 2007, p. 1297, tradução nossa). Com efeito, o Sangue de Cristo grita à humanidade por todos os séculos o amor do Pai e do Filho, aquele amor divino derramado em nossos corações por meio do Espírito que nos foi dado (Rm 5,5).

Por conseguinte, ao entregar o seu Filho por nossos pecados, Deus manifesta que seu desígnio sobre nós, é um desígnio de amor benevolente, que antecede a qualquer mérito nosso, como afirma Santo Agostinho:

Quanto amor havia em Deus, quando enviou Cristo para ser crucificado pelos pecadores e os ímpios, nos adquiriu pelo preço de seu Sangue, enquanto nós éramos seus inimigos, porque amávamos as coisas que Ele fez em lugar de amarmos a Ele que as fez! Enquanto fazíamos essas coisas, Deus mandou seu próprio Filho e por nós O entregou para que fosse morto. Eis como Deus ama os homens. (AGOSTINHO *apud* DIRETÓRIO, 1995, p. 15).

Portanto, o Sacrifício de Cristo na Cruz é único e supera todos os sacrifícios, visto que, realiza a redenção definitiva dos homens e reconduz o gênero

humano à comunhão com Deus, reconciliando-o com Ele pelo sangue derramado para a remissão dos pecados. Assim, é “o amor até o fim” (Jo 13,1) que confere o valor de redenção e de reparação, de expiação e de satisfação ao Sacrifício de Cristo. “A existência em Cristo da Pessoa Divina do Filho de Deus, que supera e, ao mesmo tempo, abraça todas as pessoas humanas, e que O constitui Cabeça da humanidade, torna possível seu Sacrifício redentor por todos” (CEC, n. 616).

Jesus expressou de modo supremo a oferta livre de si mesmo na refeição com seus Apóstolos “na noite em que foi entregue” (1Cor 11,23). Na véspera de sua Paixão, Jesus fez dessa Última Ceia com seus Apóstolos, o memorial de sua oferta voluntária ao Pai pela salvação dos homens.

Ao instituir a Eucaristia, Sacramento do seu Corpo e Sangue, como memorial de seu Sacrifício, Jesus Cristo revoga a proibição do consumo de sangue, que vigorava na Lei do Antigo Testamento. Pois, na antropologia judaica, tal consumo implicava excomunhão, visto que, o sangue era considerado a própria vida e pertencia a Deus, e Ele mesmo tinha estabelecido que: “todo homem da casa de Israel que consumir sangue, voltar-me-ei contra esse que consumiu sangue e o exterminarei do meio do meu povo. Porque a vida da carne está no sangue” (Lv 17,10-11).

Sobre esse fundo de proibições tão solene é que ressoou na plenitude dos tempos um novo preceito emanado do próprio Deus, que muda radicalmente essa normativa, não somente no que diz respeito à permissão do consumo de sangue, mas também por estabelecê-lo, como condição de comunhão e vida com Deus, uma vez que, “o consumo do sangue passa a ser condição indispensável para que o homem participe da vida de Deus” (BETTENCOURT, 1990, p. 191).

Desse modo, pela primeira vez na história, Deus permite ainda mais, estabelece como preceito divino aos seus fiéis beberem sangue, mas não qualquer sangue, e sim, o Sangue do Filho de Deus feito homem: “Isto é o meu Corpo que é dado por vós. Fazei isto em minha memória. Este é o meu Sangue, que é derramado por vós” (Lc 22,19-20). E ainda, “aquele que bebe meu Sangue possui a vida eterna... quem come a minha Carne e bebe meu Sangue, permanece em mim e Eu nele” (Jo 6,54ss).

Com efeito, a Tradição da Igreja sempre ensinou, que da observância dessa ordem dependerá, para os homens, a posse da vida eterna: “Se não beberdes o Sangue do Filho do homem, não tereis a vida em vós” (Jo 6,53).

Desse modo, a Eucaristia nos faz participantes da própria vida de Cristo. É inquestionavelmente, nesse encontro de Deus com o homem, quando temos

acesso ao Amor por excelência, presença do próprio Deus, visto que, é neste “Corpo e Sangue que Deus e o homem se encontram num consórcio muito mais íntimo do que o do paraíso perdido” (FUSCO, 2006, p. 252). Portanto, pela Eucaristia, o próprio Cristo Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, por meio de seu Corpo e Sangue, se faz presente entre nós.

Mediante ao exposto, vemos que Jesus Cristo, Filho de Deus, no Sacrifício do Gólgota, revelou a forma mais radical do amor: o nosso Divino Redentor foi cravado no lenho da Cruz por amor e seu voluntário holocausto e o derramamento de todo o seu Sangue Precioso é o dom supremo que seu coração fez a cada homem. Pois, de fato, o Filho de Deus nos amou até o fim e o Sangue Precioso, vertido na Cruz, é “a manifestação suprema de seu infinito amor por nós” (CONSTITUIÇÃO, 1990, p. 14).

Por conseguinte, todo cristão é chamado a conhecer e a perscrutar a ciência que brota da Cruz, para melhor compreender, amar e honrar a Caridade do Sangue de Cristo, bebendo e inebriando-se dessa fonte salutar. Assim, fez o Beato Tomás Maria Fusco, que soube ver no Sangue Preciosíssimo de Cristo, “a mais viva imagem da divina Caridade, que é sinal permanente e preclaro penhor do amor ágape de Deus pela humanidade” (*Ibid.*).

### 3 A Teologia do Preciosíssimo Sangue de Jesus Cristo no pensamento do Beato Tomás Maria Fusco

O Sangue Precioso de Cristo derramado na Cruz ocupou o centro da teologia do Beato Tomás Maria Fusco<sup>5</sup>. E torna-se para ele uma via segura

<sup>5</sup> Tomás Maria Fusco nasceu em Pagani, (Salerno-Itália), em 1º de dezembro de 1831. Era filho do farmacêutico Dr. Antônio Fusco e da senhora Stella Fusco Giordano. No ano de 1837, durante uma epidemia de cólera, perdeu sua mãe. Tomás contava apenas com seis anos de idade. Quatro anos mais tarde perdeu o pai Antônio. Tomás ficou aos cuidados do tio sacerdote Giuseppe Fusco e de seu irmão sacerdote Rafael Fusco. Em 1846 foi noviço da Companhia de Jesus, em Nápoles, porém por insistência de seu irmão Padre Rafael, vê-se obrigado a voltar à sua casa. Contudo, Deus o quer sacerdote diocesano, após o período de formação no seminário de Nocera, Pagani, em 22 de setembro de 1855 foi ordenado sacerdote. Em 06 de janeiro de 1873, Padre Tomás Maria Fusco, fundou a Congregação das Filhas da Caridade do Preciosíssimo Sangue. Após um grande apostolado dedicado a difusão do amor Deus e do Sangue de Cristo, Pe. Tomás, missionário apostólico, sacerdote exemplar, que trabalhou incansavelmente para a salvação das almas, em 24 de fevereiro de 1891, parte desta vida para Cristo. Quando a notícia se espalha, todos vão para rua aclamando que morreu um santo. Em 07 de outubro de 2001 em Roma, foi proclamado Beato por São João Paulo II (*Ibid.*, p. 6-7).

por onde aprendeu a Ciência Divina da Cruz, que o fez aprofundar o significado do Sangue na economia salvífica, e o introduziu no mistério da mística cristã da Caridade do Sangue de Cristo. Com efeito, a devoção apaixonada ao Sangue Precioso de Cristo, permitiu ao Beato acolher o dom de Deus e exercer a caridade de forma heroica, por meio de um ministério apostólico rico e variado, fazendo dele o “Apóstolo do Preciosíssimo Sangue” (CALDERARO, 2015, p. 43).

A Revelação de Deus na História da salvação e, conseqüentemente no ensinamento da Igreja, desde o tempo apostólico até os nossos dias, e sempre, verte essencialmente sobre este tema: Deus é Amor e quer a salvação do homem. O Beato Tomás Maria Fusco atento a estes dois temas, e dócil à voz do Espírito Santo; acolheu, como dom, o carisma recebido de Deus e propôs um particular modo de ser e de agir na Igreja a serviço do amor de Deus e da salvação dos homens. Com efeito, o dado que caracteriza a espiritualidade e a teologia do Beato Tomás Maria Fusco, em torno do qual tudo gira e unifica, é a Caridade do Preciosíssimo Sangue de Jesus. Esse termo é a nota característica do carisma que ele recebeu de Deus: “retratar e refletir a mais viva imagem da divina Caridade com que foi derramado e do qual o mesmo Sangue divino foi e é sinal, expressão, medida e penhor do amor de Deus pela humanidade” (FUSCO, 2005, p. 83).

Essa ideia-síntese, impressa no carisma, diz, de imediato e com toda evidência sobre o profundo conteúdo teológico, bíblico, dogmático, pastoral e apostólico, que abarca a doutrina teológica do Beato Tomás Maria Fusco. Para ele, somos chamados a adorar, com a vida e com o nosso agir, a Deus Pai, que doa o seu Unigênito para a nossa salvação; ao Filho que, como prova suprema de amor, ofereceu a vida para nos resgatar do pecado e nos colocar novamente em comunhão com Deus; ao Espírito Santo, que, em Deus, é a substância, ou seja, a essência do amor que se doa, isso é, Aquele que é o próprio Amor derramado abundantemente em nossos corações (cf. Rm 5,5), para que possamos viver plenamente o amor a Deus e ao próximo.

A Santíssima Trindade, portanto, nos cria, nos conserva, nos redime e nos santifica por amor. Sabemos que “Deus tanto amou o mundo que lhe deu seu Filho Unigênito” (Jo 3,16). Esse dado revelado mostra que verdadeiramente “Deus é amor” (1Jo 4,8) e tudo opera por amor e em gratuidade. Essa afirmação chamou de tal forma a atenção do Beato Tomás, a ponto de se tornar

a coluna sobre a qual ele construiu sua espiritualidade radicada na Caridade do Preciosíssimo Sangue<sup>6</sup>.

Por conseguinte, a Caridade e o Sangue, foram dois momentos essenciais da contemplação que o Beato Tomás vivenciou desde a mais tenra idade e que inflamou sua atividade sacerdotal, de tal modo que o levou à fundação de uma família religiosa, a Congregação das Filhas da Caridade do Preciosíssimo Sangue, que conjuga no seu carisma, exatamente esses dois aspectos de sua meditação: Caridade de Deus que se faz dom, porque “Ele deu a sua vida por nós” (1Jo 3,16), e que nos leva a uma ação concreta, ou seja, “a doação da nossa vida, pelos irmãos” (SICILIANO; SCHIAVONE, 2016, p. 34).

Na definição do carisma do Beato Tomás, há uma aproximação da divina Caridade ao Sangue divino, que se identificam de tal forma, que quase são sinônimos. Ele nos apresenta o Preciosíssimo Sangue em sua relação direta com a Caridade, ou seja, na “Caridade do Preciosíssimo Sangue temos o sinal, a expressão, a medida e o penhor do amor de Deus pela humanidade” (*Ibid.*, p. 31).

Quando falamos de “sinal”, identificamos uma coisa que sirva de indício para representar outra coisa. Os sacramentos, por exemplo, nós os indicamos como “sinal” visível e eficaz da “graça invisível que eles conferem” (CEC, n. 1127).

O Beato afirma que o Preciosíssimo Sangue, que escorre visivelmente na sua totalidade do coração transpassado de Jesus Cristo, nos permite olhar além e compreender que a sua fonte, a sua origem, é a divina Caridade. Por essa razão, devemos compreender a riqueza e descobrir todos os conteúdos do carisma do Beato Tomás Maria Fusco. Para isso, é preciso entrar no Sangue, para vê-lo todo animado e consubstanciado pela Caridade. O Sangue de Cristo é palpitante de Caridade, ainda, “o Sangue de Cristo é a Caridade palpitante, uma vez que, no sinal do sangue derramado, vemos a expressão da vida doada de modo cruento, como testemunho do amor supremo, ato da condescendência divina para com a nossa condição humana” (FUSCO *apud* SCHIAVONE, 1979, p. 158).

Para o Beato Tomás, o Sangue é o elemento portador de caridade. “O Sangue foi e é sinal” (*Ibid.*). Ao dizer que o Sangue foi, refere-se, diretamente, ao sacrifício histórico realizado por Jesus Cristo no Calvário. E, ao afirmar

<sup>6</sup> “Caridade do Preciosíssimo Sangue é a fórmula cunhada pelo Beato Tomás Maria Fusco e a nota característica de sua teologia e espiritualidade” (DIRETÓRIO, 1995, p. 23).

que o Sangue é sinal, quer demonstrar que esse Sacrifício se renova a cada Eucaristia, porque é atualizado e presentificado pelo poder do Espírito Santo em cada celebração da Santa Missa. A carta aos Hebreus 9,15-28 mostra, que o Sacrifício de Cristo foi realizado uma vez por todas, e o Sangue derramado uma vez por todas, selou a Nova e Eterna Aliança e nos deu acesso ao Santo dos Santos. E pelo poder do Espírito Santo esse Sacrifício Único se faz presente no hoje histórico da Igreja. Assim, em cada Eucaristia, nós temos acesso à fonte de misericórdia que brota do lado aberto de Cristo na Cruz e de suas preciosas chagas, não de forma cruenta, mas incruenta, como mananciais inesgotáveis de amor, jorram todas as graças que nos fazem participantes da vida divina, através dos sacramentos.

Por essa razão, Deus escolheu o sinal do sangue ao longo da História da salvação, porque nenhum outro sinal é tão eloquente para indicar o envolvimento total da pessoa. Contudo, esse Sangue é preciosa fonte de salvação para o mundo somente porque pertence ao Verbo de Deus que se fez carne “para a nossa salvação” (DZ, n. 301).

Também o Preciosíssimo Sangue é “expressão” da divina Caridade, uma vez que, ao ser derramado de modo sacrificial por cada ser humano, manifesta e exprime de forma visível a natureza profunda da Divina Caridade, que é: Amor Divino Encarnado, que se abaixou e, se fez obediente até a morte, deixando-se consumir por amor (cf. Fl 2,7-8).

Ao longo do Antigo Testamento, Deus Pai demonstrou o seu amor pelo homem, aceitando os sacrifícios que ele ofertava, firmando com ele sua Aliança e enviando os profetas em seu nome, para que indicassem o caminho da salvação. Contudo, no Novo Testamento, Deus quis testemunhar para a humanidade a expressão máxima do seu amor e lhe fez a graça de dar-lhe um Salvador que possuía a onipotência divina.

Por essa razão, vemos na carta aos Hebreus 10,1 a eficácia do Sacrifício de Cristo como o único e verdadeiro sacrifício agradável a Deus, pois, não era possível que o sangue de touros e bodes pudesse eliminar o pecado do homem (cf. 10,4). Um pecado infinito devia ser pago com um sacrifício equivalente, e, para o homem realizar tal sacrifício, seria impossível, pois ele estava marcado pelo pecado, o que tornava seus sacrifícios imperfeitos (ANSELMO *apud* SESBOÛÉ, p. 413). Portanto, só o Sacrifício de Cristo pode libertar o homem do pecado e da morte, sendo sinal e expressão de tudo o que Deus fez por nós, como aparece em antiquíssima Tradição da Igreja:

Ele desceu dos céus à terra para curar a enfermidade do homem; revestiu-se da nossa natureza no seio da Virgem e se fez homem. Foi levado como cordeiro e morto como ovelha; salvou-nos da escravidão do demônio, como outrora fez sair Israel das mãos do faraó; marcou nossas almas com o sinal do seu Espírito e os nossos corpos com seu Sangue. Foi Ele que nos fez passar da escravidão para a liberdade, das trevas para a luz, da morte para a vida, da tirania para o reino sem fim, e fez de nós um sacerdócio novo, um povo eleito para sempre. Ele é a Páscoa da nossa salvação. Foi Ele que tomou sobre si os sofrimentos de muitos: foi morto em Abel; amarrado de pés e mãos em Isaac; exilado de sua terra em Jacó; vendido em José; exposto em Moisés; sacrificado no cordeiro pascal; perseguido em Davi e ultrajado nos profetas. Foi Ele que se Encarnou no seio da Virgem, foi suspenso na Cruz, sepultado na terra e, ressuscitando dos mortos, subiu ao mais alto dos céus. Foi Ele o Cordeiro que não abriu a boca, o Cordeiro imolado, nascido de Maria, a bela ovelhinha; retirado do rebanho, foi levado ao matadouro, imolado à tarde e sepultado à noite; ao ser crucificado, não lhe quebraram osso algum, e ao ser sepultado, não experimentou a corrupção; mas ressuscitando dos mortos, ressuscitou também a humanidade das profundezas do sepulcro (MILITÃO DE SARDES *apud* OFÍCIO DAS LEITURAS, 1987, p. 307-308).

Assim, no Sangue de Cristo derramado para a nossa salvação, está presente a Caridade infinita de Deus Pai como expressão e medida máxima de seu infinito amor por nós. Por essa razão, o Beato Tomás afirma que, no Sangue de Cristo, temos a mais viva imagem da divina Caridade, isso é, temos o triunfo da misericórdia divina, porque nela podemos compreender “a medida do amor de Deus por nós, ou seja, a largura e o comprimento, a altura e a profundidade desse o amor, que ultrapassa todo conhecimento humano, já que, a medida do amor de Deus é não ter medida” (FUSCO *apud* SCHIAVONE, 1979, p. 159).

Esse Sangue também é, segundo o Beato Tomás, o “penhor” (Ibid.). De fato, o Sangue de Jesus revela toda a Caridade do Pai. “Dando-nos este penhor, diz-nos com os fatos que nos quer real e infinitamente bem, que não poderia fazer mais nada e melhor do que nos entregar seu Unigênito” (Ibid., p. 160). Em outras palavras, o Sangue de Jesus, manifesta da maneira mais luminosa possível, que Deus está realmente conosco e se compromete com a humanidade, pois Ele nos ofereceu a prova irrevogável e definitiva de seu amor. Cristo, com seu Sangue, pagou o preço da nossa salvação, e continua a entregar seu Corpo e seu Sangue no Sacramento da Caridade do Sangue, a Eucaristia, oferta suprema e absoluta de amor, assim, Ele quis permanecer conosco para sempre. Seria impensável um penhor melhor.

Portanto, em sua teologia, o Beato Tomás Maria Fusco não sublinha somente o fim pelo qual o Sangue de Jesus foi e continua sendo derramado, que é a redenção do mundo e da glória de Deus, mas põe, também, em evidência, o motivo que inspirou sua efusão: na origem de sua entrega está o amor incondicional do Pai, que é infinitamente bom e a única fonte da Caridade divina. Ele é “o Pai mais terno, que carrega seus filhos no coração e os convida incessantemente à comunhão de amor, participando da vida divina” (Ibid., p. 161).

Assim, o Beato Tomás Maria Fusco, Apóstolo da Caridade do Sangue, propagou, por meio de seu ministério sacerdotal, a infinita Caridade do Pai, que se tornou visível no Preciosíssimo Sangue de Jesus Cristo, derramado como manifestação do amor terníssimo de Deus, visto que, não só nos assegura a salvação, mas é marca indelével, com a qual o Pai escreveu em seu coração a singularidade do amor pelo homem. E mais ainda, é a voz que fala desse amor no decorrer dos séculos. Com efeito, já é antecipação, aqui na terra, da plenitude do amor que viveremos um dia no Céu.

Hoje, a espiritualidade do Beato Tomás Maria Fusco, continua viva graças à suas filhas espirituais, as Filhas da Caridade do Preciosíssimo Sangue, que estão espalhadas pelo mundo, tornando presente e atual, nas atividades cotidianas, a herança da Caridade do Preciosíssimo Sangue.

## Conclusão

Com base nas principais passagens que falam a respeito do sangue na Sagrada Escritura é possível ver que Deus escolheu o sinal do sangue ao longo da História da Salvação como caminho para a salvação do gênero humano e como sinal visível de seu amor pela humanidade. Pode-se considerar, assim, que a teologia da Caridade do Preciosíssimo Sangue de Jesus Cristo está presente na Sagrada Escritura como um dos elementos centrais do projeto salvífico de Deus, que encontra sua plena significação na consumação do Sacrifício de Cristo na Cruz e no derramamento de todo o seu Sangue como prova de seu infinito amor por nós.

Esse argumento foi-se comprovando ao longo da História da Salvação. Por isso, há uma ligação intrínseca entre o Sangue de Cristo e a divina Caridade, como manifestação do amor de Deus pela humanidade. Essa ligação é tão importante para a vida da Igreja que, o próprio Cristo escolheu o sinal do Sangue para ser sua presença viva e permanente na Igreja, por meio do Sacramento do Amor, a Eucaristia.

Por essa razão, o Beato Tomás Maria Fusco, em sua sublime teologia do amor e do sangue, ao estudar o Antigo e Novo Testamento, percebeu o valor, a força e a eficácia do Sangue que encontra em Jesus a plena realização e sentido: “Aquele que nos ama, e que nos lavou de nossos pecados com seu Sangue” (Ap 1,5). O Sacrifício de Jesus constitui a prova suprema do amor do Pai para com o mundo.

O derramamento do Sangue é realmente o canal pelo qual passa o amor do Pai para com os homens e o amor dos homens, em Jesus, para com o Pai. O Espírito Santo, que é o próprio Amor, é que torna possível esse duplo movimento. Assim, o Sacrifício do Calvário é, hoje, presentificado e atualizado no Sacrifício Eucarístico, Sacramento do Amor renovado pelo poder do Espírito, e para a Congregação das Filhas da Caridade do Preciosíssimo Sangue, é o centro de vida e de amor a ser recebido e comunicado a todos os homens.

## Referências

- BENTO XVI. Carta Encíclica *Deus Caritas Est*: Sobre o amor cristão. São Paulo: Paulinas, 2005.
- BETTEBCOURT, E. Para entender o Antigo Testamento. 4ª ed. Aparecida: Editora Santuário, 1990.
- BÍBLIA *Sagrada de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- BURKE, R. L. *O Amor Divino Encarnado. A Sagrada Eucaristia como Sacramento da Caridade*. Campinas: Ecclesiae, 2017.
- CALDERARO, L. *Le virtù del Beato Tommaso Maria Fusco*. Roma: Nova Res, 2015.
- Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2000.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei Verbum sobre a Revelação de divina*. São Paulo: Paulus, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja*. São Paulo: Paulus, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo de hoje*. São Paulo: Paulus, 2001.
- CONTEGIACOMO, L. *Antico Testamento*. In: VEGLIANTI, T. (org.). *DIZIONARIO TEOLOGICO SUL SANGUE DI CRISTO*. Città del Vaticano: LEV, 2007.

- DENZINGER, H. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- FUSCO, T. M. *Constituições das Filhas da Caridade do Precioíssimo Sangue*. Roma: Grasso, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Diretório das Filhas da Caridade do Precioíssimo Sangue*. Roma: Grasso, 1995.
- \_\_\_\_\_. *L'amore non ha legge. Raccolta di novene, preghiere e massima*. Roma: Città Nuova, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Regolamento di vita devota. Figlie della Carità del Preziosissimo Sangue*. Roma: Grasso, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Signore insegnaci a pregare. Figlie della Carità del Preziosissimo Sangue*. Roma: Grasso, 2006.
- JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Dives in misericordia* (Sobre a misericórdia divina). São Paulo: Loyola, 2016.
- LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho segundo João*. Vol. I. São Paulo, Loyola, 1996.
- LITURGIA DAS HORAS. *OFÍCIO DAS LEITURAS*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- LÓPEZ, F. G. *O Pentateuco. Introdução ao Estudo da Bíblia*. São Paulo: Ave Maria, 2006.
- MARMION, C. *Jesus Cristo nos seus mistérios*. São Paulo: Cultor de Livros, 2017a.
- \_\_\_\_\_. *Jesus Cristo a vida da alma*. São Paulo: Cultor de Livros, 2017b.
- McKENZIE, J. L. *Dicionário Bíblico*. 6ª. ed. São Paulo: Paulus, 1983.
- PAPÀSOGLI, G.. *Tra Borboni e Garibaldini, Tommaso Maria Fusco, Piccola Opera della Redenzione*. Napoli: Scuola Tipografica Istituto Anselmi, 1972.
- PENNA, A. *Sangue e Antropologia. Il Sangue Nell'Antico Testamento*. Centro Studi Sanguis Christi- v. 1. Roma: Edizioni Pia Unione Preziosissimo Sangue, 1980.
- PIO XII. *Carta Encíclica Mystici Corporis Christi*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1960.
- SCHIAVONE, P. *O Amor maior. A personalidade e o carisma de Pe. Tomás Maria Fusco*. Roma: Casa Generalizia, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Il tocco dell'Eterno Amore, Omaggio a Giovanni Paolo II*. Roma: Casa Generalizia, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Minha voz sobe até Deus. As jaculatórias do Servo de Deus Tomás Maria Fusco*. Roma: Grasso, 1994.

\_\_\_\_\_. *Il Sigillo di Fuoco. La Carità in Tommaso M. Fusco*. Roma: Città Nuova, 2001.

SEIFRID, M. A. *Morte de Cristo*. In: REID, D. G. *DICIONÁRIO TEOLÓGICO DO NOVO TESTAMENTO*. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 327-328.

SESBOÛE, B. (org.). *História dos dogmas: O Deus da Salvação*. Tomo 1. São Paulo: Loyola, 2015.

SICILIANO, F.; SCHIAVONE, P. *Transformami per amore*. Figlie della Carità del Preziosissimo Sangue. Pagani: Edizioni Studio 12, 2016.

WILLI-PLEIN, I. *Sacrifício e Culto no Israel do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2001.

Artigo recebido em 17/11/2018 e aprovado para publicação em 05/12/2018

ISSN 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v18i35-2019-5>

**Como citar:**

MACHADO, Maria Clara da Silva; EGÍDIO, Nelma de Matos. A Teologia do Preciosíssimo Sangue de Jesus Cristo: A Caridade do Sangue de Cristo no pensamento do Beato Tomás Maria Fusco. *Coletânea*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p. 93-124, jan./jun. 2019. Disponível em: [www.revistacoletanea.com.br](http://www.revistacoletanea.com.br)